



DOSSIER
FUNDAÇÃO EVA
KLABIN

APRESENTAÇÃO

Marcio Doctors

Fundação Eva Klabin – FEK

A Casa-museu Eva Klabin tem por missão preservar, conservar e divulgar a residência e a coleção de Eva Klabin, destacando as características específicas de uma casa-museu de colecionador. A visão é torná-la referência das múltiplas relações possíveis entre arte e vida (por ser originalmente casa) e entre os diferentes tempos, estilos, culturas e saberes abrangidos por seu acervo (por ser um museu). Seu compromisso curatorial é manter os olhos voltados para a tradição da arte do passado e atentos para as constantes transformações da arte do presente, estimulando novas dinâmicas que rompam com o tempo engessado que uma casa-museu pode desencadear por suas características específicas, e estabelecendo relações entre o legado a ser preservado e os interesses das novas gerações, que são os verdadeiros herdeiros desse legado.

A partir dessa visão, foi coordenado com o Instituto de Artes da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), através da professora Maria Berbara, um curso denominado *A Tradição clássica na Fundação Eva Klabin*, o qual teve como proposta e objetivo trazer o conhecimento da academia para dentro do museu, tendo como ponto de partida obras da coleção que serviriam como deflagrações das conferências apresentadas. Cada um dos professores escolheu obras que pudessem ilustrar e / ou exemplificar os períodos da história da arte e os recortes temáticos ou estilísticos abordados nas suas apresentações. Dessa maneira procuramos, através das palestras, enriquecer as informações sobre o acervo a partir das óticas dos estudiosos, acrescentando outras camadas de leitura possíveis para a coleção, atualizando-a com o pensamento produzido na universidade.

O curso teve duração de sete meses, com palestras uma vez por mês, e os professores desenvolveram leituras originais, buscando relacionar o foco de suas pesquisas a exemplares da coleção.

Evelyne Azevedo tratou da escultura e do espaço na Antiguidade, no Egito, Grécia e Roma. Em dois módulos, desenvolveu “diferentes aspectos que envolvem a criação tridimensional da escultura, [...] tanto o próprio espaço da peça, quanto o lugar do observador”, revelando questões pouco usuais para os leigos nas análises da escultura antiga e abrindo toda uma outra percepção de como esses elementos eram pensados e vivenciados na Antiguidade clássica. Obras de referência da coleção: *Estátua de oficial*, Egito, Médio Império ao II período intermediário, c. 2040-1550 a. C. e *Estatueta de Vênus com diadema, Apolo arqueiro e Hércules com pele de leão*, Grécia/Roma, século I a.C. ao V d.C.

Fernanda Marinho apresentou palestra sobre o clássico e anticlássico na iconografia mariana “através dos divergentes contextos artísticos de Flandres e da Itália do século XVI”, e “as repercussões da crise político-religiosa do Renascimento e suas decorrências formais anticlássicas”. O clássico e o anticlássico constituem uma pulsão que atravessa toda a história da arte, criando uma dinâmica de rupturas que alimenta a arte como processo constante de mudança e reinvenção. Obras de referência da coleção: Andrea del Sarto, *Nossa Senhora com o Menino e São João*, Itália, século XVI e Mabuse, *Madona com Menino*, Países Baixos, c. 1520.

Elisa Byington abordou em sua apresentação o nascimento do barroco, destacando-o como “um momento em que a imaginação se aliou às técnicas do ilusionismo espacial para encenar o espetáculo da natureza em movimento”. Trouxe uma contribuição importante para o acervo da casa-museu ao mostrar os outros cartões de tapeçaria de Romanelli da série *Meninos pescando*, obra ícone da fundação. Obras de referência da coleção: Giovanni Francesco Romanelli, *Meninos pescando*, Roma, Itália, c. 1639 e José Ribera, *São Jerônimo Penitente*, Nápoles, Itália, 1620-1630.

Maria Berbara analisou “as principais características da corrente pictórica denominada, pela crítica, “tradição primitivista flamenga”. Foi uma contribuição fundamental para a coleção Eva Klabin, já que havia um déficit de informação grande a respeito das duas obras analisadas pela professora e que são fundamentais para entendermos as características estilísticas e o contexto histórico desse momento tão rico que foi a Renascença do norte europeu. Obras de referência da coleção: Jan Provost, *Madona, Menino e dois anjos*, Flandres, 1510-1520 e Adriaen Isenbrant, *Madona com Menino e paisagem*, Flandres, c. 1530.

Tamara Quírico apresentou na sua palestra o uso da pintura como devoção doméstica de imagens religiosas na passagem entre a Idade Média e o início da Renascença. Além das análises estilísticas e formais desses pequenos painéis religiosos, foi analisada uma característica pouco conhecida de pinturas que cumpriam função religiosa privada na Itália entre os séculos XIV e XV, revelando a origem dessa tradição, que se mantém viva até os dias de hoje, de imagens religiosas de devoção doméstica. Obra de referência da coleção: Sano di Pietro, *Madona com Menino*, Itália, século XV.

Alexandre Ragazzi finalizou o curso falando sobre o “grande interesse por estatuetas de bronze que surgiu entre os mais intelectualizados habitantes de Florença” dos séculos XV e XVI a partir de uma obra importante da coleção, a estatueta de *Guerreiro* de Giambologna. Desenvolveu sua apresentação demonstrando como esse gosto foi desenvolvido ao longo dos séculos seguintes, quando passaram a ser colecionados modelos preparatórios para esculturas de grande porte. Obra de referência da coleção: Giambologna, *Guerreiro (Marte)*, Itália, 1565-1570.

A casa-museu Eva Klabin sentiu-se honrada de poder acolher um curso sobre a tradição clássica que se utilizou de exemplares da sua coleção como referência, e é imensamente grata pela generosidade com que os palestrantes dividiram seus conhecimentos com o público interessado e a maneira como suas leituras da história da arte enriqueceram o acervo. Gostaria de agradecer à professora Maria Berbara por ter aceito o convite

para estruturar esse curso e a todos os palestrantes pela excelência de suas contribuições.

Tenho a convicção de que a parceria entre museu e universidade é a maneira mais positiva de fazer os museus retornarem a uma de suas funções primordiais que é a de ser um centro de estudo e pesquisa da história da arte a partir de suas coleções. Quanto mais conteúdo for produzido, mais próximo estaremos da realidade do museu como ferramenta de vivência pedagógica da maior importância para o universo da educação e mais próximos estaremos da ideia de que uma coleção é uma obra em processo, passível de desdobrar-se em múltiplas camadas de leitura, revitalizando sempre seu sentido, ideias e percepções de acordo com sua época, como um grande dicionário vivo e pulsante do passado no presente.